

Historia Oral da Comunidade Pesqueira de Santa Marta Pequena, (Laguna - SC).

Carolina dos Santos Machado

Tamires da Rosa

1. ENTREVISTA:

Entrevistados: Senhor José e Dona Ivonete Fernandes.



Boa tarde, a gente vai gravar tudo bem?

José: Não tem problema nenhum esse negócio, né?

Não, é um trabalho da faculdade seu José, a gente vai, quer falar sobre a história da pesca artesanal em laguna. Tem pouquíssima coisa pesquisada escrita, e aí tem histórias que se as pessoas não contam vão com elas pro túmulo, né? E aí, a gente resolveu começar aqui com o Farol Santa Marta e Canto, porque acho que é a comunidade em Laguna que mais tem pescadores.

Ivonete: É. Ainda, né?

José: Parece que são cadastrados, ouvi falar que são 10 mil pescadores. Parece, não sei, agora um pouco já está parando com isso aí também porque, muito exploração do pescador, e a exploração está caindo porque o pessoal vem pra cá "samotiando" junto com o pescador, o que acontece: ele não te compra um pescado, ele só quer saber de ir ali explorar a lagoa, entendeu? [Explora] mais lagoa porque o mar já tomou conta, isso aqui antigamente você botava aí, por aí 10 brasa de rede, 10 metros de rede e se matava uma caixa de peixe rapidinho. Hoje bota aí, seiscentas, setecentas brasa de rede de repente e não pega nada porque o próprio povo de fora que vem explorando não te compra e explora a lagoa.

Mas, tem peixe suficiente ainda?

José: É pouco, é que eu digo assim: vai diminuindo. E daí, o pescador, está fazendo o que? Está procurando emprego, empregando porque não está mais compensado, pra estar explorando a pescaria na maioria das vezes.

Mas, o pessoal que vem de fora eles pescam pra comer ou eles tão vendendo também?

José: Olha, até exploram pra vender... O peixe tem muito.

Esse pessoal mora aqui?

José: Não. Todas essas casas que vocês veem aqui [no Canto da Lagoa] a maioria mora ali, é claro. Mas de lá pra cá até na Santa Marta pequena, ali deve uma meia dúzia de morador e mais é esse pessoal [que vem de fora].

É muita casa vazia, muita casa fechada...

José: Claro! É o povo que vem de fora, tudo isso aí que vocês veem é pessoal de fora. Eles vem de Criciúma, Tubarão...

Ivonete: Mais de Tubarão.

José: Então, mas o pescador ao mesmo tempo também foram meio ingrato. Eles [os pescadores] não ajudaram a cuidar, se eles tomassem atitude nisso aí, não ia acontecer isso porque isso aqui de primeiro não tinha casas.

Pois é... Esse pessoal de fora , comprou esses terrenos de quem?

José: Isso aí foi comprado de gente antiga que já faleceu também, que exploraram também, eram gente que nem precisava, gente que ganhava 20 salários mínimos lá do farol, engenheiros na época.

Então, vocês conhecem bem a Laguna, vocês são daqui mesmo?

Ivonete: Não, não...

José: Então, ali [no farol de Santa Marta] tinha um tal de João Sargento do posto Binha. E o que acontece... Eles vinham da cidade explorar isso aqui.

Mas assim, antes as terras aqui não eram de ninguém?

José: Não, acho que não. Era de nós mesmos, fomos nós [os "primeiros"] praticamente. Nos criamos ali , isso tudo era um campo aberto, você chegava e meu pai [dizia] : "Ah, vou me mudar!" . Ele arrancava a casa daqui, a casa inteira e ele viajava uns dois ou três quilômetros, chegava lá e colocava a casa no meio do campo , só que é de cliente nossa área aqui .Estou com 61 anos criado aqui mesmo.

Que nem o sargento, ele chegou primeiro e falou que a terra era dele?

José: É, isso aqui era tudo terra clandestina, essa parte aqui é área de Marinha. O que aconteceu: veio ele e um tal de Apolônio também , um tal de anjo lá do farol. A mesma coisa eles fizeram: dividiram toda essas áreas aqui e pegaram a metade pra cada um. Pegaram porque eles tinham dinheiro, daí botavam um advogado embaixo dos panos... Tudo assim, aí faziam o que, iam na época vendiam aquele votos todos por mixariazinha, passavam trabalho pra pegar muita terra .Aí se dividiu os votos, e deixaram até um passador, nem o próprio passador pro pescador não existe mais.

Pois é porque a gente vai virando, entrando ali no que caminha pra casqueiro e tinha um lugar que o pessoal saía e parece que fecharam esses tempos. Você ficou sabendo disso?

José: Eu morava ali naquela faixa onde você está falando, morei 16 anos. Ali bem aonde você falou tinha um passador e o pessoal trancou e tinha deixado um passador bom, sabe? O pessoal de fora não se contentou com a coisa e fizeram uma ali e hoje ainda existe a casa. Aí nós, com todo problema, vamos na lei e no vira e mexe ficou mas, ficou um passadorzinho de porcaria. E o que era uma estrada, ficou em nada.

Esta bem estreito, eu fui ali...

José: Então, a acontece isso aí e o pessoal como pescador que é investe mesmo de sair, tem coisa pra trabalhar, tão criando filho, neto e parece que [a prefeitura] não tem visão ou tem e fazem que não tem, e vão deixando... O que deveria de fazer: um tumulto de gente na hora e não deixar o pessoal invadir, eles mesmos podiam fazer mas não fazem. Tanto protesto, tanta coisa aí por fora, né? E o pescador podia fazer isso aí.

Lá na cidade as pessoas não falam o que ta acontecendo aqui, no jornal ninguém fala.

José: Eu sou um camarada que se fosse pra falar, falava muito contra própria lei nossa até! Principalmente a parte do IBAMA, que já são uma raça que não tá nada ligando pra pobre! Apesar que o pescador é um nojento também, na verdade, é teimoso. E é o que eles [os pescadores] fazem, o próprio instrumento, arte de pescar deles. Eu não sei mexer com essas coisa de pesca, pesco mais não mexo com rede... Então, às vezes a gente fala, reclama do pessoal de fora mas também, eles fazem a arma e entregam pros caras. Aí os caras chegam de fora, e tem uma redinha, assim que a tal do birimbal: é uma coisa proibida, coca arrastada é proibida mas a própria lei não está em cima! Mas o pescador é ingrato também, porque monta a arma pros caras, e ao mesmo tempo reclama que o cara não comprou nada e vem só explorar o que nós temos, mas claro, pois o cara joga a arma na mão deles também! Aí ao mesmo tempo deixa elas por elas.

Ivonete, você nasceu aqui? Nasceu aonde?

Ivonete: Não, nasci em Criciúma. Eu era de lá e ele era daqui.

José: Aí eu me juntei com ela e viemos pra cá. Nos conhecemos ali em Jaguaruna, bem pertinho, bem próximo ali.

Ivonete: Vim pra cá tava com quantos anos? Com 16, né?

José: Daí, na época já tava meio sozinho também, já divorciado. Aí nos acertamos e viemos, puxei a "cabocla" pra cá.

Ivonete: Vai pra trinta anos já [que moram nesse local]. Aqui era muito ruim, quando eu vim pra cá.

Como era?

José: Não tinha luz, não tinha água.

Ivonete: Aqui só tinha campo

José: Aqui era tudo mato, eu morava lá em Santa Marta naquela época.

Mas, porque que vocês escolheram morar aqui?

Ivonete: Porque ele já era daqui, já tinha casa aqui.

José: Porque era o seguinte: nas antigas, quando eu me casei primeiro fui embora pra Porto Alegre, fui embora com 17 anos, ia fazer 18. Fiquei 16 anos lá e voltei, foi quando eu vim embora e eu me ajuntei com ela.

E você vive da pesca? viveu da pesca?

José: Já pratiquei bastante anos de pesca, né.

Ivonete: Eu pesquei muito na minha vida, agora estou doente não posso mais.

José: Já pesquei no mar e na Lagoa, pesquei uma faixa. Com rede de camarão, rede de peixe.

Ivonete: Aqui naquela época era bem bom de viver, era ruim de morar, entendeu? Mas era bom de viver porque tinha serviço pra ti trabalhar, vendia de bom gosto porque não tinha ninguém de fora, entendesse? A gente puxava coca na poça da noite, a gente trazia uma caixa de camarão e uma caixa de siri.

José: Hoje você bota 30 rede pega um quilo de camarão.

Porque que diminuiu tanto?

Ivonete: Porque aumentou... Muita gente, entendesse? Aconteceu que o pessoal daqui de fora todo mundo avança. E aí, não tem mais limo na lagoa porque o camarão nasce no limo, tu pode ir ali na lagoa... Naquela época tu colocava o pé na lagoa, era limo purinho, verdinho, a gente via o camarão pular na perna da gente, era ate bonito de se ver.

E será que vai acabar de vez?

Ivonete: Eu acho que vai.

José: Aí o ponto que eu quero chegar: o que está acontecendo, a própria poluição dos empresários que tão acabando [com os peixes].

Poluição? Que vem da onde?

Ivonete: Eles botam veneno lá no arroz, eles acabam.

José: Eles botam no arrozal, começa aqui no morro do Camacho e vai se embora até Jaguaruna e vai embora. Aqui também, começa ali logo na frente e começa até Tubarão no arrozal, pega tudo o que é de banhado e arroz e o que acontece: o veneno é fora do serio, é de avião. Você sabe que eles botam o veneno nas granjas de avião pra não dar encrenca, eles sabem que é um troço forte e tudo aquilo ali descarrega na lagoa esse afeto vem daí,ó.

Ivonete: Hoje é assim, ó. O filho da gente que vive da pesca, eu acho assim: pra eles viverem daquilo ali não dá mais, pode largar de mão e partir pra outro emprego.

Vocês não pescam mais então?

Ivonete: Nós paramos.

José: Parei porque já me aposentei também, e já deram problemas de pulmão por causa da friagem, porque quem trabalha na água trabalha com frio, e já fui obrigado a parar por tudo isso aí.

Mas, a renda de vocês vem da pesca? De Produzir o pescado?

José: E a renda, a gente se aposentou como pescador, pagou o INPS[INSS] como pescador e ela ate tava encostada mas está na justiça porque cortaram ela também. Ainda trabalho com obra um pouco, eu faço um pepino e tal, vai dando uma equilibrada.

E você trabalha aqui perto, com obra?

José: É tudo aqui pertinho agora, por exemplo, estou fazendo casas pros filhos, aqui to fazendo pra filha.

Vocês tem quantos filhos?

José: Tenho um baita "alemaozão". Quando eu conheci ela ele tinha 8 meses e eu criei ele e depois tivemos um casal. Esse alemão mora

lá [longe] e eu estou fazendo a casa dele, o outro mora mais ali na frente também.

Seus filhos pescam também?

José: Pescam, mas já estão dependendo de emprego. Hoje estão cuidando da lagoa como um quebra galho deles.

Ivonete: Eles pescam o camarão também, pescam um peixinho mas não tem mais como...

E o emprego deles, eles tão trabalhando o que?

José: Ele tão trabalhando em uma firma de telha e de piso ali em Jaguaruna.

E eles estudam, se formaram?

José: Não. Na época eles ficaram até na formatura deles na a oitava eles pararam, na época era pior ainda o recurso ali. Hoje está bom, a condução pega a pessoa e leva pro estudo e tem lanche, naquela época não tinha nada, era muita pobreza. Tinha que comprar o gás, o bloco de talão pra viajar no ônibus... Como é que o pobre teria condições de pagar?Aí ficava ate a sétima oitava, ate porque não se interessavam também, né.

Você estudou também?

José: Eu não tive estudo, tive 3 meses de aula. E 3 meses agora tu vê, que estudo vou ter? Meu pai só arrumava filho, teve 17 e criou 14. Agora imagina: 14 em uma casa, que pobreza, né!

E o seu pai trabalhava com que?

José: Meu pai era das minas, trabalhou 3 anos embaixo das minas, se arreventou e se aposentou ,daí foi onde ele veio pra cá pra essas áreas pra criar as filharada, né? A maioria foi tudo ali. A pesca era mais pra despesa da casa, pra ajudar só. Isso aqui não tinha nada, era cor de café, não tinha um encanamento , não tinha nada, abria um buraco em qualquer lugar.

E o seu irmãos o que estão fazendo?

José: Os meus irmãos estão em Porto Alegre ,eu tenho uma irmã e um irmão que moram lá ainda, um casal. Tenho um irmã em Criciúma e os outros moram tudo aqui, Farol e Santa marta, tem o João

Aguiar, o Daniel... Tem ali uma turma, tem minha irmã Albertina. Ali tem aquele pessoal e mais pra frente já tem mais outros também. Dali onde vocês tiveram (de Santa Marta pra frente), mora o tal do seu Ondino que eu falei pra vocês, ela é uma pessoa muito antiga e que pode contar as façanhas. Eu também conto essas historias de praia que tem na Galheta, ali não tinha nada, só tinha barraco de palha encostado no morro e a gente ia lá ganhar [pescar] peixinho, tinha 8 anos 10 anos, [....]

E quando que você acha que começou a mudar aqui? Quando começou a encher de gente?

José: Olha, isso aí já vai para 9 anos .Desde que eu vim de porto alegre, nesse dia 29. Foi lá pra os anos 90... Entre 90 e 95 que começou a mudar muito?Começa porque o fulano diz: "Ah, já me aposentei e agora tem aquele lazer pra viver" e aquela história toda. O turismo teve parte que ajudou sim, pra quem tinha o dinheiro, que tinha a economia deles, né? Porque o turista também tem o dinheiro e procura te arrancar os olhos pra ver se tiram pra fora[de casa], porque tem o dinheiro e ai compravam de barbada, barato o que hoje custa uma fortuna, é tipo a Galheta[praia], a mesma coisa.

E o asfalto aqui, o que vocês acham que ele vai fazer pra cá?Antes aqui era só duna...

José: Olha, tem boas coisas mas acontece que Laguna hoje é um lugar pequeno e os camaradas tão ali só pra atrapalhar muitas coisas ,entendeu? Eu trabalhei por tudo aquilo ali, na época tinha ate uma industria e hoje não tem mais nada.Eles procuram acabar[com a industria] aumentando os impostos e o lugar não progride ,o único lugar que movimentou foi o Mar Grosso. Eu pesquei ali [o Mar Grosso] na época que eu era um guri de 12 anos e aquilo ali era só campo, você sabe? Era só duna e agora foi feito um calçamento [...] foi quando eles começaram a querer movimentar Laguna, hoje em dia é uma cidade [...], mas também foi só ali que se espalhou.

E você acha que o asfalto vai trazer ainda mais gente pra cá?

José: Você viu que o Ronaldinho comprou uma casa?Male [mal] botou a maquina, já trancaram tudo, ate parece que não querem que o lugar se movimente, né? Entrei em uma propriedade em uma cooperativa aqui de 42 famílias mas levei azar, porque logo em

seguida deu uma tal de doença do camarão aqui mesmo e nós já tínhamos feito já 10 tanque e fomos criar e não deu, só nos endividamos , empenhamos tudo no banco e não compramos mas nada hoje porque o banco ninguém pagou, e vamos pagar como? Pois se ninguém prosseguiu... Isso vai pra 14 anos e o banco esta louco para colocar em leilão , na época nós compramos a fazenda por 750 mil reais, foi na época que o Amim era do governo então quer dizer que hoje se vender por 7 milhões, esta barato ainda porque são 156 hectares de terra.

Porque valorizou tanto? Um terreno que nem esse de vocês aqui, quanto que valeria, 20 anos atrás, por exemplo?

José: Valorizou porque é aquela história: começou a entrar muita gente de fora e foi quando começou a valorizar isso aqui... Antes disso aqui não tinha valor de nada, Farol por ai tudo, não tinha valor de nada, ao mesmo tempo o pessoal de fora que botou o valor. Há vinte anos, acho que nem tem quantidade, porque não valia nada. E hoje, talvez você chegava ai com cem, duzentos[mil] pilas [reais] você comprava. Hoje ai tem uns daqueles que se chegar com 20 mil eles não vendem, por 20 mil eles não querem vender...

[...]

O próprio arrozeiro é que está fazendo isso aí, o que eles fazem : botam água numa fazenda de arroz (tudo funciona com comporta), eles fecham , colocam a água de novo no arroz e depois conforme nasce o dito arroz que as comportazinhas, são obrigadas a tirar toda aquela água de novo e aí vai para as comportas que descarregam tudo nessa lagoa aí... E nessa lagoa não cabe mais nada! Agora o próprio pé [sentido] da coisa é fácil de a pessoa entender tu faz um sumidor em uma casa e aquela água vai criando um entulho ali dentro, e vai indo, vai indo, enche né, daí a mais foi só água como, [...], pouca de hora você tem que fazer outro, daí não tem o esgoto, né? E assim é a dita lagoa. O que acontece aqui nas antigas: nossa a água quando vazava vinha tudo para estrada, as vezes até de canoa nós passávamos na estrada aqui e hoje tu viaja na costa da lagoa 150 a 200 metros e vai água até o joelho , onde é o pico fundo. O mar dificilmente me cobre e eu já sou um anão...

Antigamente era mais fundo, então?

José: Fundo? Aqui entrava canoa de rei e canoa de pau subiu. Já ouviu falar de canoa de convés? O pessoal de fora que vinham lá de Imaruí lá de Pontão do Morro, naquele tempo nem motor não

tinha era na base do remo e da vela e vinham pra cá carregado de mantimento para trocar com a gente... Era peixe porque dinheiro aqui quase ninguém tinha, tudo na base do peixe, arroz, feijão, carne, farinha, comida de pobre, entendeu? Eles vinham pra cá e encostavam uma canoa grande encostava onde, hoje não passa mais e veio criando esse tal de aquele entulho, aquela carga muito carregada de mais água, o que vai acontecendo é que vai formando aquele engodo. Agora isso está acontecendo onde o camarão entra, eles estão desse tamanhozinho e tem que ser até com um aparelhinho porque se tu não consegue enxergar ele.

De alguma forma acaba indo para lagoa também e para o lençol freático. A prefeitura nunca se importou em fazer esgoto...

José: Daí você, não vê? Se fosse previsto já era para ter uma coisa [já construída] pelo menos... A prefeitura trabalha a benefício dela. Eu agora pensei em fazer uma piscina aqui, nós podemos lucrar. Se der uma enxurrada alaga tudo isso porque não tem saída, se você olha como isso aqui é como eu vou chegar em um ponto?

E a balsa? Desde quando funciona?

José: Desde que me lembro, já calculo uns 70 anos para balsa. Eu passava com a mãe e o pai ali. Minha mãe ia fazer o básico, comprar meio kg de cada coisa. Nunca me esqueço que era a mãe que comprava... Naquele tempo tudo era na base da banha, né? A mãe também mandava a gente ir comprar café "Ah, me passa 50 gramas, 100 gramas..." Com o açúcar a mesma coisa.

Mas, vocês não plantavam nada?

José: Ah, mas aí o pobre vive a vida "atucanado" na tristeza... Meu pai vinha do campo, estendeu a cerca, adubou e com muito esforço conseguiu comprar arames, e nós começávamos a plantar naquele tempo um aipim mas, em geral o pobre não tinha chance. Já o rico tinha lavoura, chegava e plantava tudo e tinha uns 20 a 30 homens. Essa gente era dona de terra, isso que eu quero dizer aí 3, 4 ficaram de boa porque dava para eles criar fazendas de gados e o pobre não porque já comprava fiado.

[...]

Um grandão tinha dinheiro e naquela época era feito um documento lá em Florianópolis, aqui nem escritura nós tínhamos e o que eles

faziam: naquele tempo era o tal do usucapião, eles pegavam a terra e ficavam donos dela de graça e o pobre não tinha nada. Hoje se fizer um lote desse tem que comprar dos outros.

Mas hoje vocês tem uma casa boa, foi você que construiu a casa?

José: A gente também já pensa mas ao mesmo tempo para de novo, daí a gente vê que as coisas não compensam, a poluição, o calor, uma coisa e outra, principalmente pra mim que tenho dor de coluna e pulmão.

E vocês já pensaram em se mudar daqui para outro lugar?

José: A gente também já pensa mas ao mesmo tempo para de novo, daí a gente vê que as coisas não compensam. A poluição, o calor, uma coisa e outra principalmente pra mim que tenho dor de coluna e pulmão.

Você gosta de morar aqui?

José: Não é gostar. Mas [a gente] vai ficando já. O pessoal novo que era para ta morando na cidade não querem os filhos, tão ficando por aqui. Minha filha mora aqui em cima, meu filho aqui atrás e o outro mais lá na frente e é bom que por enquanto você pode sair e deixa uma porta aberta, a janela aberta...

O senhor frequenta alguma igreja?

José: Eu ia, mas quando eu tava no poder do pai, né? Porque naquele tempo ele obrigava... Eu era católico mas se eu visse uma igreja de crente entrava também, mas não tenho aquela continuação. Meu pai e minha mãe foram tudo já, mas eles eram vida de crentes.

Seus pais são enterrados aqui?

José: São, ali na passagem da barra.

O senhor nunca teve barco?

José: Só barquinho de coisinha para a lagoa, canoa de motor a remo, só que pra lagoa são barcos mais pequenos, né? Já em alto mar é um negócio grande.

José, se você pudesse voltar atrás e fazer algo que não fez, o que seria?

José: Se fosse para voltar atrás com esse negócio de pesca, eu não faria se eu pudesse, eu continuaria fazendo o mesmo serviço que aprendi e ia continuar com o negócio de obra porque o único aqui pra mim é esse aí e pescaria mesmo, sempre pesquei muito mas nunca gostei... E quando mexo muito com obra e dou uma enjoada, saio para pescar.

E tem médico aqui?

Ivonete: Tem, é a dona... esqueci o nome dela. Ela é de Laguna, mas hoje ela vem fazer um curativo em ti, vem na tua casa. Naquela época que não tinha nada, não tinha ninguém que viesse na tua casa fazer uma vacina, nós tínhamos que ir lá em Laguna no posto.

Então, algumas coisas melhoraram?

Ivonete: Melhorou. Aqui agora pra mim é uma riqueza em vista de antes que nós não tínhamos recurso em vista de antes como tava é uma riqueza, eu quase morri para ter essa guria aí!

Morria muita criança aquela época?

Ivonete: Era muito difícil morrer criança aquela época porque as mães quando estavam perto de ganhar iam para cidade, entendesse? Elas ficavam lá e só voltavam depois de ganhar e também tinham a parteira. Ela era daqui e fazia o parto de gente conhecida, era um mulher bem velinha que morava aqui e depois ela morreu daí não tinha mas ninguém. Eu passei muito trabalho porque eu não era daqui então não conhecia ninguém.

E hoje em dia, o que vocês gostam de fazer? Conseguem se divertir já que trabalharam tanto na vida?

Ivonete: Eu gosto de trabalhar. Gosto muito de pescar gosto mesmo, de coração.

Vocês vendem o que pescam?

Ivonete: Vendemos, mas eu parei de pescar. Vendi todas as minha redinhas mas eu ainda tenho a vontade de comprar de novo . Eu gosto não é por causa do camarão e essas coisas, é porque eu

gosto mesmo. O trabalho era puxado mesmo mas eu gostava ,estava sempre com a cabeça ocupada e hoje penso muita besteira . Sempre tinha serviço pra ti ,um dia era camarão, o outro era marisco e assim ia . Hoje eu fico parada e não suporto ficar parada. Eu gostava do que fazia, mas sei que o tempo não volta mais.

E não dá para ficar fazendo a mesma coisa da vida?

Ivonete: Não dá, não tem como.

E, por exemplo, pintura: já tentou pintar?

Ivonete: Eu pinto, até foi eu que pintei essa minha casa. É bom, mas assim: eu gosto mesmo é viver assim, mais da pesca, eu não gosto do serviço de casa, não sei se é porque desde os meus 10 anos meu pai me colocou para trabalhar em casa dos outros, limpando casa, passando para os outros, dai aquilo ali tudo eu enjoiei. As vezes minha guria pega uma limpeza lá na praia e me convida para ir com ela, eu até vou para fazer companhia e ajudar ela mas pra mim não dá, cada um tem uma coisa, né? No caso dele, meu marido, foi quem me ensinou a pescar porque eu não sabia nada quando vim pra cá, não sabia o que era marisco nem camarão, muito menos siri, ele que me ensinou a pescar, a tirar marisco. A cunhada dele me ensinou a descascar o siri, eu adorava, eu passava trabalho mas adorava, eu achava muito legal. Então é isso aí, eu aprendi com eles o que para mim era uma novidade, eu aprendi, e comecei a pescar também e pesquei bastante tempo.

E tem muitas mulheres que pescam por aqui?

Ivonete: A mulher que mais pescava aqui assim: eu e a Judite, Mirian.

A Márcia não pesca?

Ivonete: Não, a Márcia nunca pescou, ela é minha cunhada e só tem o documento de pescador. Não eram todas [mulheres] que pescavam mas todas tem carteirinha, porque era o nosso recurso de antes, para comprar coisas pra nós mas, pesca elas não sabem. A Mirian pescava, mas é assim não eram todas que pescavam, a Mirian era mais nova quando eu comecei a pescar ela ia comigo na batera, ela era pequena mas me acompanhava para pesca, a mãe dela já pescava, tirava marisco... A Albertina [cunhada], ela pescava de coca, ela que me ensinou a tirar marisco. Eu não sabia muito, então eu virava a bunda pro mar e não podia [fazer isso], então eu caía.

Jose: Eu pegava ela quando ela passava por mim, pegava ela pelos cabelos, pela blusa e assim ia.

E alguém já morreu pescando aqui na lagoa?

José: já, já.

Ivonete: Quando eu caí na batera na água, era fundo, tá? Daí, na lagoa eu me joguei pra cima e grudei na ponta da batera, daí demorou um pouco, depois que eu consegui subi na batera mas eu passei trabalho, fiquei tão nervosa naquela época, o mar não é fácil ele matou meu cunhado que não sabia nadar. Mas meus filhos todos eles sabem, tem um filho meu que ele atravessa a lagoa nadando se deixar.

Mas, os filhos de vocês quiseram ficar aqui?Porque tem muitos que vão embora...

Jose: O meu filho de criação, que é só dela, morou uns oito, dez anos em Jaguaruna mas ele era novo e voltou.

Ivonete: A mulher dele é daqui, os pais dela também eles moram em uma casinha que tem ali na frente, vocês devem ter passado ali em santa marta. Ela era bem pobre o pai dela trabalhava muito, é que aquela família faz muito filho era 7, 8 filho e até hoje tem filho pequeno. Eu já demorei mais para ter filhos, é que eu já era mais esperta daí não perdi tempo, eu liguei [as trompas] cedo.

Mas eles não faziam bastante filho para trabalhar?Ou não? Na agricultura o pessoal ganha licenciamento pra fazer filho pra ter mais braço para trabalhar.

Ivonete: Dá mais trabalho, porque os dois tinham que trabalhar mais para dar comida para eles. Quando eu criei esses meus dois filhos, eu achei que um ia ajudar, mas não, eles casaram cedo e ainda tive que arrumar um jeito para eles ficarem um tempo comigo, para eles poderem dar um jeito na vida deles.

É que aqui em Laguna não tem muita oportunidade, né?

Jose': Não falei para você? Ali [oportunidade em] em indústria eles procuraram. Onde tem [está localizado] o IBAMA hoje era uma indústria. Ali era uma firma forte, eles tinham mais de 300 funcionários na época, coisa linda aquele troço! Ali entrava cada barco de outros lugares...

Ivonete: O carnaval em Laguna era tão lindo aquela época. O carnaval de laguna para nós era uma riqueza, é o pai nos levava e nós ficávamos bem contentes. O carnaval de agora não tem graça, o antigo é que era bom.

E ali no Cine Mussi você ia, então! Você lembra de algum filme que assistiu lá?

José: Ia sim, naquele tempo eu tinha dez, doze anos . Não lembro mais de nenhum filme.

[...]

E no mar grosso você conhece hoje o Ravena?

José: Aquele aí foi o primeiro hotel que teve ele era no meio do campo foi a primeira construção ali tinha também o campo de aviação.

E o que o senhor vê para o futuro da cidade se vai melhorar vou piorar?

José: Ali pode, mas é como eu falei a coisa está difícil. Eu acho que a gente vai morrer e se acabar e não vai ver nada, está difícil com esses políticos... Tem gente que fala "Ah você é bobo de votar em mulher [para presidente]!" e colocando os homens lá em baixo. Hoje em dia acabou essas coisas, o que estou vendo é parece que as mulheres tão trabalham mais... Está se invertendo [...] E acabou-se, e não vê o negrão, não vê o negrão hoje na área, tomou conta de conta de tudo né, negrão o que era, nas antigas, até na sociedade nos clubes essas coisas era tudo dividido. No Cine Mussi nem entravam, bobeava alguém pegava ele, na época da escravidão. Hoje os maiores representantes estão sendo eles.

O que importa é mostrar competência e contribuir em algo... Aqui em laguna, é tem muito problema é de falta de habitação de pescador... Ele nem sabe que tem recurso para construir. E aí a gente quer valorizar a historia do pescador, pra ele conseguir acessar esse recurso de melhor forma.

José: Agora que interessante e as pessoas que vem de fora, com um tipo de vida melhor, né? Aí eles vem e tomam poder de tudo, e quantos pescadores estão morrendo por aí e não tem direito de nada?